

O CONCEITO DA EXPIAÇÃO NA HISTÓRIA DO ADVENTISMO: UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICA DA DEFINIÇÃO DO TERMO EXPIAÇÃO NA VISÃO DE ALGUNS DOS PRINCIPAIS TEÓLOGOS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Sérgio Siqueira dos Santos¹
Natan Fernandes Silva²

RESUMO

Este artigo discute o desenvolvimento do conceito de expiação na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, através de uma breve análise em escritos de alguns dos principais pioneiros, teólogos e historiadores do adventismo sabatista. Com ênfase nos momentos mais importantes do desenvolvimento deste conceito, se analisa brevemente o tema em estudo, e devido à grande quantidade de material sobre este assunto, o trabalho se limita em analisar apenas alguns pontos específicos. Alguns dos pontos abordados nesta pesquisa como os pioneiros adventistas e o conceito da expiação, as ideias da porta fechada e porta aberta, a expiação para apagar pecados, a ideia de juízo investigativo pré-advento, o conceito de expiação estabelecido por Ellen G. White e o conceito atual dos adventistas do sétimo dia, permite que se tenha uma clara compreensão do tema. Este estudo busca esclarecer o processo histórico de desenvolvimento do conceito de expiação dos adventistas do sétimo dia, seu foco não se limita à doutrina, mas ao processo que conduziu a ela.

PALAVRAS-CHAVE: EXPIAÇÃO. CONCEITO. IGREJA ADVENTISTA. DESENVOLVIMENTO. SALVAÇÃO.

ABSTRACT

This article discusses the development of the concept of atonement in the history of the Seventh-day Adventist Church, through a brief analysis on the writings of some of the major pioneers, theologians and historians of Sabbatarian Adventism. With emphasis on the most important development of this concept, it will analyze briefly the topic under study, due to the large amount of material on this subject; the work will be limited in analyzing only a few specific points. Some of the points covered in this research as the Adventist pioneers the concept of atonement, the ideas of the closed door and door open, the atonement for sins erase the idea of pre -Advent investigative judgment, the concept of atonement established by Ellen G. White and current concept of Seventh-

¹ Graduando em teologia pelo Seminário Adventista Latino Americano de Teologia.

² Doutorando e Mestre em teologia; professor no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia.

day Adventists, allows you to have a clear understanding of the topic. This study seeks to clarify the historical process of development of the concept of the atonement of Seventh-day Adventists, their focus is not limited to teaching, but in the process that led to it .Keywords: Atonement. Sanctuary. Adventist church.

KEYWORDS: ATONEMENT. CONCEPT. ADVENTIST CHURCH. DEVELOPMENT. SALVATION.

INTRODUÇÃO

A doutrina do santuário tem lugar central na teologia dos adventistas do sétimo dia e foi a resposta encontrada para o grande desapontamento que ocorreu no dia 22 de Outubro de 1844, quando um grupo de adventistas liderados por Guilherme Miller, aguardavam o retorno de Jesus em cumprimento da profecia de Daniel (8.14). Eles acreditavam com grande convicção de que o santuário referido na profecia de Daniel (8.14) seria a Terra, e que a purificação deste santuário aconteceria na ocasião da volta de Jesus. No entanto, aquele grande dia passou e Cristo não veio. Então, uma amarga decepção tomou conta daquele grupo. Muitas questões começaram a surgir a partir daquele momento, e a principal indagação deles foi sobre o que havia acontecido em 22 de outubro de 1844.

Após o desapontamento, o adventismo milerita entrou em completa confusão. A maioria deles abandonou a fé, enquanto outros se dividiram em diversos grupos. Alguns desses adventistas, no entanto, recorreram à Bíblia em busca de uma resposta para o que havia acontecido. A resposta veio através da compreensão sobre o ministério de Cristo no santuário celestial, evidenciado na carta aos Hebreus.

Sendo assim, essa nova compreensão resolveu o problema do desapontamento. Mas, dentro do assunto do santuário celestial surgiram novas questões problemáticas. Dentre estas, se destaca a definição do conceito de expiação da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). No entanto, antes de verificar a definição do termo expiação na compreensão da IASD, é imprescindível que se tenha uma clara noção da relevância deste tema. Pois, o tema da expiação merece grande atenção, sendo que se trata do ritual mais importante realizado no santuário e está diretamente relacionado com a solução para o problema do pecado.

Dessa forma, o dia da expiação define a obra sacerdotal de Cristo em favor da humanidade. Por isso, é tão importante que se tenha uma clara compreensão sobre este tema, principalmente no meio adventista no qual ele ocupa uma função singular dentro do desenvolvimento teológico e doutrinário da Igreja. Assim, os pioneiros adventistas tinham uma opinião diferente dos outros evangélicos em relação à expiação realizada por Cristo em favor da humanidade. Essa opinião diferente rendeu algumas acusações contra os adventistas do sétimo dia. Diante desta afirmativa, este trabalho tem por propósito analisar os principais aspectos relacionados ao desenvolvimento do conceito da expiação

na história da IASD.

OS PIONEIROS ADVENTISTAS E O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DA EXPIAÇÃO

Ao analisar brevemente a história do adventismo, percebe-se que o desenvolvimento do conceito da expiação ocorreu de forma progressiva dentro de um período de tempo necessário para uma fundamentação sólida. No início, após o ano de 1844, os pioneiros adventistas mantinham uma visão diferente dos teólogos contemporâneos sobre a expiação (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 162). Pois enquanto muitos evangélicos afirmavam que a expiação havia sido encerrada ou completada na cruz, os primeiros adventistas a situavam no ministério de Cristo no santuário celestial. Assim, alguns adventistas defendiam que a expiação teve início logo após a ascensão de Cristo ao céu, enquanto outros acreditavam que ela iniciou-se apenas em 22 de outubro de 1844, com a purificação do santuário de Daniel 8.14. O entendimento deles, portanto, era de que apenas quando o sangue da vítima sacrificial fosse ministrado pelo sumo sacerdote dentro do santuário é que ocorreria a expiação, e não quando a vítima era sacrificada. A base bíblica para tal posição era principalmente o livro de Levítico, com ênfase especial no capítulo 16, onde se observa os seguintes aspectos em relação ao dia da expiação: O ritual era ministrado apenas pelo sumo sacerdote e acontecia uma única vez ao ano (Lv 16.34); Requeriam-se dois bodes, um para o Senhor, que era sacrificado e outro emissário (Azazel), que não era sacrificado, mas solto no deserto (Lv 16.8); Com o sacrifício do bode para o Senhor, o sumo sacerdote efetuava a expiação pelo santuário (lugar santíssimo), pela tenda da congregação e pelo altar (Lv 16.15-20); O sumo sacerdote aspergia o sangue do bode para o Senhor no propiciatório (que é a cobertura da arca da aliança) e também diante dele (Lv 16.15).

Diante da compreensão que possuíam do processo mencionado em Levítico 16, alguns dos pioneiros adventistas fundamentavam a crença de que a expiação acontecia somente depois da conclusão de todo este processo de purificação do santuário e não apenas com a realização do sacrifício. Diante desta visão, Knight (2008) afirma que eles se expressaram de modo a indicar que a expiação não foi efetuada na cruz, mas no ministério sacerdotal de Cristo no céu.

Em “1846, O. R. L. Crosier iniciou uma nítida diferenciação sobre o tempo da expiação. Para ele, a expiação iniciou em 1844 e terminaria somente no final do milênio” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 162). Já C. Mervyn Maxwell, em seu artigo no livro **The Sanctuary and the Atonement**, expõe a posição de alguns dos pioneiros adventistas sobre o tema da expiação. Sobre Guilherme Miller, Maxwell afirma que: ele “assumiu que Jesus entrou no lugar santíssimo na Sua ascensão”. Enquanto que O. R. L. Crosier afirmava que Cristo entrou no lugar santíssimo só em 1844 (MAXWELL, 1981, p. 523. Tradução nossa). Maxwell ainda menciona que Crosier “dividiu a obra expiatória de Cristo em duas fases: uma expiação parcial para indivíduos, realizada no lugar santo, e uma expiação nacional completa, realizada no lugar santíssimo” (MAXWELL, 1981, p. 523. Tradução nossa).

Além de Guilherme Miller e O. R. L. Crosier, outro nome importante na história do adventismo

foi Uriah Smith, que também expressou a maneira como entendia o ritual da expiação. Alves (2008), em uma exposição histórica sobre o juízo investigativo nos escritos de Uriah Smith, menciona que ele foi “categórico ao declarar que ‘Cristo não realizou a expiação quando derramou Seu sangue sobre a cruz’”. Assim, para Smith, “a morte de Cristo e a expiação não são a mesma coisa” (ALVES, 2008, p. 59). “Smith entendia que não negava a expiação, senão que a situava em seu lugar apropriado” (ALVES, 2008, p. 59). Para ele, “a morte de Cristo foi um ‘ato preparatório’” para a obra que “realizaria no santuário celestial”. “Ao igualar a expiação com a purificação do santuário e o juízo investigativo, sua conclusão foi que a expiação antitípica teve seu início em 1844” (ALVES, 2008, p. 59).

Por conseguinte, em 1872, Uriah Smith escreveu as Crenças Fundamentais dos adventistas do sétimo dia, posteriormente publicadas por Tiago White na primeira edição dos sinais dos tempos, em Junho de 1874, (MAXWELL, 1981. Tradução nossa). Nesta publicação, ele “afirmou veementemente que a expiação, longe de ser feita na cruz, o que era, mais a oferta do sacrifício, foi em vez disso, a última parte de seu trabalho como sacerdote” (MAXWELL, 1981, p. 524. Tradução nossa).

Por outro lado, Timm (1999), afirma que, até 1850, a purificação do santuário estava relacionada com as ideias da porta fechada, a expiação para apagar pecados e o juízo investigativo pré-advento. À vista disso, ao observar que os adventistas sabatistas entendiam que a purificação do santuário de Daniel 8.14, se referia ao o dia antitípico da expiação (RODRÍGUEZ, 2011), percebe-se que esses três aspectos mencionados por Timm (1999), eram a principal compreensão do dia da expiação que eles possuíam nesse período. Apesar de reconhecerem a cruz como o sacrifício supremo, não a incluíam na expiação. Antes, limitavam a palavra expiação para o ministério sacerdotal de Cristo (MAXWELL, 1981. Tradução nossa).

Dessa forma, entender o pensamento dos primeiros adventistas sabatistas relacionado com a purificação do santuário envolvendo estas três ideias citadas acima, é fundamental para a compreensão da doutrina da expiação. Pois estes aspectos demonstram não apenas a forma como eles compreendiam a expiação, mas também expressam o desenvolvimento teológico e doutrinário dos adventistas do sétimo dia. Um exemplo claro pode ser visto na ideia da porta fechada de José Bates e Tiago White, pois estes acreditavam que a expiação teve seu início em 1844, com a purificação do santuário mencionado em Daniel 8.14. No entanto, as ideias que partilhavam da porta fechada, “fizeram com que tendessem a pensar que Jesus não estava mais intercedendo pelas multidões após a Sua mudança para o lugar santíssimo em 22 de outubro de 1844” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 162). Isso segundo Timm (1999), até 1850, foi marcado pelo conceito negativo de que não haveria mais clemência para aqueles que rejeitaram a mensagem do advento após o fim dos 2.300 dias em 1844.

Mas este pensamento não seguiu adiante, logo surgiu a necessidade de reavaliá-lo. “Tais declarações foram logo suplantadas pela crescente concepção de que os adventistas sabatistas ainda tinham que pregar a terceira mensagem angélica ao mundo” (TIMM, 1999, p. 168). Com o grande crescimento no número de pessoas que entravam para a igreja adventista, em 1850, Hiram Edson e J. N. Andrews realizaram um estudo adicional onde notaram que, “o início do dia antitípico da expiação

não limitava aqueles que poderiam aceitar as últimas mensagens divinas e ser coberto pelo sangue expiatório de Cristo” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 162).

Diante disso, em 1855, J. N. Andrews, afirmou que os tipos do Antigo Testamento ou a explicação do antítipo do Novo Testamento, não endossam “a teoria de que ‘o tempo de graça para os seres humanos deve terminar quando nosso Senhor entrar no lugar santíssimo’” (TIMM, 1999, p. 168). Segundo Timm (1999), Ellen G. White, em 1849, afirmou que Jesus abriu a porta do santíssimo do santuário celestial após encerrar sua mediação no lugar santo em 1844. Ele então fechou a porta do lugar santo, e abriu a porta do lugar santíssimo onde permanece junto ao propiciatório dando continuidade a sua obra de expiação. A partir de então, a ênfase em uma porta fechada foi substituída pela ideia das portas aberta e fechada, que fazem alusão à mudança de ministério de Cristo no santuário e não ao encerramento de sua intercessão pela humanidade (TIMM, 1999).

A EXPIAÇÃO PARA APAGAR PECADOS

O segundo conceito mencionado por Timm (1999), que foi relacionado pelos primeiros adventistas do sétimo dia com a purificação do santuário, era o conceito da expiação para apagar pecados. Desse modo, O. R. L. Crosier, em seu artigo de “Law of Moses” (A lei de Moisés) de 1846, foi quem realizou a primeira exposição desse conceito. Crosier entendia, assim, que a expiação anual para apagar pecados era diferente da expiação diária para perdão dos pecados. “Para ele essa expiação era a obra de Cristo como Sumo Sacerdote no santuário celestial, por meio do Seu próprio sangue vertido na cruz” (TIMM, 1999, p. 76). Crosier afirmava, também, que o santuário celestial precisava ser purificado, porque havia sido moralmente contaminado pela impureza da humanidade. Para ele, o “santuário celestial ‘recebeu sua impureza do homem’ pela mediação de Cristo, [...] e está sendo agora purificado pelo ministério sacerdotal de Cristo durante o Dia da Expição antitípico” (TIMM, 1999, p. 76). Sendo assim, seu argumento é de que essa obra de purificação do santuário celestial iniciou-se no outono de 1844, com o final dos 2.300 dias da profecia de Daniel, e será concluída antes da volta de Jesus à Terra e da ressurreição dos santos (TIMM, 1999). Crosier “sugeriu que, quando essa obra for concluída, os pecados do povo de Deus serão transferidos de volta para Satanás, ‘o autor do pecado’, que será punido por eles em seu aprisionamento durante o milênio de Apocalipse (20), como o bode emissário antítipo” (TIMM, 1999, p. 76). Outra relação que Crosier faz, é a visão de uma purificação simultânea do povo de Deus. Nesta, enquanto Jesus está purificando o santuário celestial, o Espírito Santo está purificando o templo espiritual do povo de Deus.

Sobre esta ideia, Ellen G. White em 1849, afirmou que “Jesus está ainda aceitando ‘nossos sacrifícios, nossas orações e nossa confissão das faltas e pecados’, e que Ele ‘agora perdoará todas as transgressões de Israel, a fim de que possam ser eliminadas antes dele deixar o Santuário’” (TIMM, 1999, p. 77). Hiram Edson em 1850, J. N. Andrews em 1853, Uriah Smith em 1854 e Tiago White em 1857, escreveram argumentos semelhantes ao de Crosier, de que os pecados removidos do povo de Deus deveriam ser colocados sobre a cabeça do bode emissário que é Satanás, e assim, o santuário seria purificado de todo pecado para sempre.

Assim, os primeiros adventistas do sétimo dia acreditavam que a expiação para apagar pecados estava relacionada com a eliminação final do pecado e de seu originador (Satanás) de uma vez por todas. Concluindo assim, a grande obra de purificação do santuário.

A IDEIA DO JUÍZO INVESTIGATIVO PRÉ-ADVENTO

Outro aspecto significativo vinculado pelos primeiros adventistas do sétimo dia ao ensino da purificação do santuário foi a ideia do juízo investigativo pré-advento (ALVES, 2008). Os pioneiros adventistas entendiam que Cristo, ao entrar no santuário celestial no dia da expiação, levava o verdadeiro Israel de Deus inscrito no peitoral de juízo (ALVES, 2008).

Os primeiros adventistas sabatistas geralmente sustentavam que Cristo usou Seu peitoral do juízo ao entrar no lugar santíssimo do santuário celestial no fim dos 2.300 dias. José Bates, por exemplo, descreveu Cristo, em Janeiro de 1849, como estando “ante o propiciatório, diante do Pai” apresentando no Seu “peitoral do juízo” os nomes dos 144.000 e rogando ao pai para apagar os pecados deles e enviar o Espírito Santo da promessa “para selá-los com o selo do Deus vivo” (TIMM, 1999, p. 79).

Diante do exposto, Timm (1999) menciona que para, J. N. Loughborough, o dia da expiação era um dia de Juízo e de decisão. José Bates referiu-se ao texto de 1 Pedro 4.17 (“juízo da casa de Deus”), no contexto do dia antitípico da expiação, quando Cristo leva a todo o Israel de Deus representado em seu peitoral de juízo, “para advogar com Deus, para apagar os pecados de Israel” (ALVES, 2008, p. 45). Bates entendia, dessa forma, que este juízo iniciou no final dos 2.300 dias, em 22 de outubro de 1844. “José Bates sugeriu que as cenas de juízo, em Apocalipse (14.6), eram referências à obra de Cristo depois de 1844. Outros desenvolveram essa ideia em especial Tiago White” (RODRÍGUEZ, 2011, p. 453 e 454). Por sua vez, Rodríguez (2011) menciona que os primeiros adventistas chegaram à conclusão de que a purificação do santuário celestial incluía o juízo do povo de Deus, seguida pelo juízo dos ímpios.

O desenvolvimento destas três ideias, portanto, reflete a compreensão dos primeiros adventista sabatistas sobre a expiação. E proporcionaram um avanço significativo na compreensão da doutrina do santuário e no desenvolvimento da teologia adventista.

Consequentemente, o conceito de expiação dos primeiros adventistas se dividia entre duas linhas de interpretação em relação ao início do dia da expiação. Alguns adventistas, como Guilherme Miller, Albion Foss Ballenger e D. M. Canright, por exemplo, afirmavam que o dia da expiação começou em seguida à ascensão de Cristo. Enquanto que outros adventistas como, Tiago White, José Bates, J. N. Andrews, Uriah Smith, O. R. L. Crosier e J. N. Loughborough, principais a serem destacados, argumentavam que a expiação teve início apenas no final dos 2.300 dias, em 22 de Outubro de 1844. Um ponto comum entre eles, no entanto, era em negar que a expiação tenha ocorrido na cruz. Para eles, a cruz proveu os meios para a expiação, (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 162). Viam

a cruz como sacrifício perfeito, supremo e autossuficiente, mas não como expiação propriamente dita (MAXWELL, 1981. Tradução nossa). Coube então a Ellen G. White, a tarefa de ampliar a visão dos adventistas e dar à obra da expiação o seu devido significado.

O CONCEITO ESTABELECIDO POR ELLEN G. WHITE

Em relação ao conceito de expiação, Ellen G. White, esteve à frente dos seus contemporâneos adventistas na compreensão mais ampla deste tema. Sua visão foi ampliando-se progressivamente até estabelecer-se como centralizada na cruz de Cristo. “No transcurso das décadas de 1850 e 1860 seus conceitos de expiação foram gradualmente ampliados. [...] Em 1864, ela se referiu ao sacrifício de Cristo na cruz como expiação pelo pecado” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 163). Assim, Ellen G. White via o sacrifício de Cristo como “a grande verdade em torno da qual se agrupam todas as outras verdades. Por isso, cada doutrina extraída da palavra de Deus precisava ser estudada à luz que emana da cruz do Calvário” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 163).

Nos escritos de Ellen G. White, encontram-se diversas afirmações que resumem o seu conceito da expiação. Ao analisá-las, percebe-se que sua compreensão estava diretamente ligada à cruz, não simplesmente como o sacrifício provido, mas como o centro da própria obra de expiação.

Sendo assim, em muitos de seus escritos, Ellen G. White alega que Cristo entrou no santuário celestial para ministrar os benefícios de sua expiação. Deixa a entender, assim, que a expiação já havia ocorrido, fazendo alusão ao calvário. “O sacrifício de Cristo em favor do homem foi amplo e completo. A condição da expiação tinha sido preenchida. A obra para que viera a este mundo tinha sido realizada”. (WHITE, 2007, p. 29). Ainda sobre essa temática, em “O Desejado de Todas as Nações”, White menciona que:

Jesus recusou receber a homenagem de Seu povo até haver obtido a certeza de estar Seu sacrifício aceito pelo Pai. Subiu às cortes celestiais, e ouviu do próprio Deus a afirmação de que Sua expiação pelos pecados dos homens fora ampla, de que por meio de Seu sangue todos poderiam obter a vida eterna (WHITE, 2000, p. 790).

Do mesmo modo, em 1890, Ellen G. White menciona que: “Assim ascendiam suas petições com a nuvem de incenso, enquanto a fé se apoderava dos méritos do Salvador prometido prefigurado pelo sacrifício expiatório” (WHITE, 2006, p. 353).

Tais afirmações deixam evidente que para Ellen G. White, a expiação ocorreu na cruz do calvário, com o supremo, perfeito e completo sacrifício de Jesus Cristo em prol da humanidade caída. Dessa maneira, MAXWELL (1981) afirma que, quando se observa na literatura de Ellen G. White, que Cristo está agora fazendo expiação, na verdade, deve-se entender que Cristo além de ter realizado expiação na cruz, está agora ministrando os benefícios de sua expiação pela humanidade. Quanto a isso, a própria Ellen G. White afirma que Jesus entrou no santuário celestial “com o Seu próprio

sangue, a fim de derramar sobre os discípulos os benefícios de Sua expiação” (WHITE, 2011, p. 260).

Assim, na visão de Ellen G. White, a obra da expiação não se restringe apenas à cruz ou ao ministério de Cristo no santuário celestial. Antes, abrange todos estes aspectos de forma completa. A expiação iniciou-se e completou-se, portanto, na cruz do calvário, mas também inclui a aplicação de seus benefícios na vida do crente, mediante a obra de Cristo no santuário celestial, e esta aplicação dar-se através do juízo investigativo pré-advento e da expiação para apagar pecados (MAXWELL, 1981. Tradução nossa).

O CONCEITO ATUAL DA IASD E O SEU DESENVOLVIMENTO

Após entender como se desenvolveu o processo de conceituação de expiação na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, analisar-se-á a partir daqui o conceito final adotado pelos adventistas, assim como os principais argumentos que os conduziram a tal conceito. Dessa forma, uma ideia de como surgiu o atual entendimento da IASD sobre o ritual da expiação, pode ser observado em MAXWELL (1981). Segundo ele, a linguagem de Smith, tão semelhante à de Miller e Crosier, permaneceu no adventismo sabatista por muitas décadas. “E só em 1940 e 1950, que alguns dos principais escritores adventistas abandonaram esse pensamento em favor de ampliar a expiação para incluir tanto o ministério sacerdotal como a cruz e, de fato, para incluir todo o plano de salvação” (MAXWELL 1981, p. 524, Tradução nossa).

Por conseguinte, em 1948, M. L. Andreasen, um dos teólogos mais influentes da IASD na década de 1940, realizou uma exposição no livro intitulado **Hebreus**, publicado pela Review and Herald, onde aponta para uma expiação trifásica. Já C. Mervyn Maxwell, em seu capítulo no livro **The Sanctuary and the Atonement**, apresenta uma exposição do pensamento de Andreasen sobre a expiação trifásica como, “composta do triunfo de Cristo sobre o pecado em Sua pessoa antes de seu triunfo sobre o Getsêmani, a pena do pecado no Getsêmani e na cruz, e seu triunfo sobre o pecado em nossa vida depois de Sua Ascensão ao céu” (MAXWELL, 1981, p. 524, Tradução nossa). Embora Andreasen reconhecesse que Cristo terminou Sua obra na cruz e que a cruz é vital, e central, ele “insistiu que Cristo subiu ao céu para continuar a Sua obra de redenção no santuário celestial, ele afirmava que quem limita a obra de Cristo na cruz limita a expiação” (MAXWELL, 1981, p. 524, Tradução nossa).

Por outro lado, Edward Heppenstall na década de 1950 definiu sua teologia da expiação como centralizada na cruz. Comentando sobre a teologia de Heppenstall, Alves afirma que:

Deve-se notar que a cruz ocupa uma posição central no sistema teológico de Heppenstall. As palavras que utilizou para se referir a este evento são enfáticas e não deixam lugar a dúvidas. Conforme o percebia, “a morte e ressurreição de Cristo são o próprio centro do evangelho”. [...] Também afirmou que “a cruz constitui a culminação da obra de Cristo para a salvação dos homens”. Estas declarações evidenciam sua compreensão do lugar destacado que ocupa a cruz no plano divino para a redenção da humanidade. (2008, p. 113).

Alves (2008) ainda menciona que a posição de Heppenstall sobre a obra de Cristo proporcionou um significativo avanço teológico no adventismo, resgatando “a importância do sacrifício expiatório na cruz” (ALVES, p. 115), vinculando-o ao ministério sacerdotal de Cristo. Heppenstall entendia, dessa maneira, que o ministério de Cristo no santuário celestial não negava a expiação completa na cruz. Para ele, “o ministério de Cristo no santuário celestial é tão vital e importante como Seu sacrifício sobre a cruz” (ALVES, 2008, p. 115). Segundo MAXWELL, F. D. Nichol em 1952, “argumentou fortemente para uma obra de expiação no santuário celestial, mas ele também admitiu sem querer admitir qualquer coisa, que nós acreditamos que a obra de Cristo de expiação do pecado foi iniciada, em vez de concluída no Calvário” (1981, p. 525, Tradução nossa).

Diante dessa perspectiva, em 1952, na Conferência da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia na Igreja Adventista de Sligo, dirigida pelo presidente da Associação Geral, William H. Branson, Taylor G. Bunch, semelhante a Andreasen, argumentou sobre três partes para a expiação. No entanto, sua abordagem era diferente da de Andreasen. Ele enfatizava “a cruz, o ministério no lugar santo, e o ministério no lugar santíssimo. Cada parte, ele comentou, foi uma obra acabada, mas todos os três foram obrigados a fazer a expiação completa” (MAXWELL, 1981, p. 525, Tradução nossa).

O atual conceito de expiação da IASD se desenvolveu praticamente na década de 1950. Já em 1957, Taylor G. Bunch ampliou de forma significativa este conceito. Estabelecendo assim a ampla compreensão desfrutada hoje pelos adventistas do sétimo dia.

Respondendo a desafios levantados por Walter Martin. Fez um novo esforço para relacionar totalmente o histórico Adventista de expiação no santuário para a expiação realizada geralmente na cruz. Como Andreasen, Nichol, Bunch, e outros, incluíam tanto a cruz e o santuário na obra de expiação, mas passou a dizer que: quando se ouve um adventista dizer ou lê na literatura Adventista, mesmo na escrita de Ellen G. White que Cristo está fazendo expiação agora, deve ser entendido que queremos dizer simplesmente que Cristo está agora fazendo aplicação dos benefícios da expiação do sacrifício que Ele fez na cruz (MAXWELL, 1981, p. 524 e 525, Tradução nossa).

Do mesmo modo, na compreensão atual da IASD, a expiação ocorreu de forma completa na cruz do Calvário. No entanto, no ministério de Cristo como sumo sacerdote no santuário celestial, Ele aplica os benefícios da expiação na vida do crente anelante (KNIGHT, 2008). A base para tal argumento está na definição do termo expiação. Ao realizar uma análise nas referências bíblicas sobre a expiação, percebe-se um amplo conceito que não se limita apenas na cruz ou sacrifício de Cristo, mas em toda a Sua obra mediadora.

Sobre esse ponto, Knight (2008) menciona quatro exemplos práticos do Antigo Testamento derivados da palavra hebraica *kaphar* (expiação). Esses exemplos apresentam outros aspectos da expiação que não estão relacionados com sacrifício. O primeiro exemplo está em Êxodo 32.30-32, em que após o incidente do povo de Israel com bezerro de ouro, Moisés, ao reconhecer o grande pecado que o povo cometeu contra Deus, sobe ao monte para fazer expiação perante o Senhor pelo pecado do povo. Nesse exemplo, Moisés não apresenta sacrifício, mas ele mesmo toma o lugar do povo, fazendo

assim expiação como uma figura de Cristo. O segundo exemplo está em 2 Samuel 21, no encontro do rei Davi com representantes dos gibeonitas, para poder reparar o dano causado por Saul ao matar muitos gibeonitas a quem o povo de Israel prometera não matar. Assim Davi fez expiação ao reparar adequadamente o erro cometido. O terceiro exemplo encontra-se em Números 16, que por causa da murmuração e rebeldia do povo contra Deus, uma praga terrível caiu sobre o acampamento de Israel. Então Moisés manda Arão pegar o incensário e fazer expiação pelo povo no meio deles. Arão se torna o mediador entre Deus e o homem como Cristo, e faz expiação por eles. O quarto e último exemplo mencionado por Knight (2008) encontra-se em Números 25, onde Finéias, neto de Arão fez expiação ao matar alguns ofensores que cometeram um terrível pecado contra Deus e por conta disso, uma praga caiu sobre a nação de Israel. Aqui, a expiação ocorreu quando foram removidos ou erradicados os ofensores, assim como ocorria com o bode emissário (Azazel) no ritual do dia da expiação. Assim, entende-se que expiação é também erradicação final do pecado e seu originador.

Para Knight (2008, p. 253), “essas quatro experiências nos ensinam vitais e importantes lições a respeito da obra da expiação”. Ele ainda menciona que Cristo, “Ao morrer na cruz e ao entregar a vida como expiação pelo pecado, Ele fez adequada reparação do erro cometido; sofreu toda a punição da lei de Deus que havia sido transgredida” (KNIGHT, 2008, p. 253). Ele entendia que a obra realizada no Calvário abrangia também a aplicação desse sacrifício expiatório à alma anelante. E que isso acontecia por meio do ministério de Cristo como sumo sacerdote no santuário celestial (KNIGHT, 2008). Por fim, Knight (2008) conclui que na expiação, “Não somente Seu povo é purificado do pecado pelo sacrifício do Filho de Deus, e salvo para o presente e a eternidade, mas todo o Universo será purificado da mancha da iniquidade quando for completamente destruído o autor do pecado” (KNIGHT, 2008, p. 253).

Sendo assim, além do livro de Levítico, o pensamento da IASD sobre a expiação é claramente visto nos livros de Daniel, Hebreus e Apocalipse. Em Hebreus 9.23, por exemplo, a expiação é relacionada com a purificação do santuário celestial; no livro de Daniel, o Dia da Expiação está relacionado com, purificação, juízo e vindicação; e em Apocalipse, O Dia da Expiação está relacionado com o juízo investigativo, seu início e resultados (RODRÍGUEZ, 2011, p. 441- 448).

O conceito final da expiação para os adventistas do sétimo dia na atualidade é definido claramente por Rodríguez (2011). Para ele, Cristo realizou a expiação através de Sua morte na cruz, e ao ascender ao Céu, Ele deu início à obra sacerdotal de aplicar aos crentes os benefícios de Sua morte expiatória na cruz. Assim, ele divide a obra expiatória de Cristo em dois aspectos: “O primeiro foi prefigurado nos rituais diários no santuário terrestre e começou em Sua ascensão. Nele, Cristo faz a mediação da graça amorosa de Deus a Seu povo e o representa perante Deus” (2011, p. 448). Já o segundo aspecto, ele define como a “consumação de Sua obra de vindicação e juízo, uma purificação do Universo do pecado, dos pecadores e de Satanás” (2011, p. 448). Rodríguez (2011, p. 448) entende, portanto, que essa segunda fase foi tipificada na obra do sumo sacerdote no lugar santíssimo, no Dia da Expiação. E que o dia antitípico da expiação compreendia um período de tempo que vai desde “1844 até o fim do milênio, a consumação da história de salvação” (RODRÍGUEZ, 2011, p. 453).

CONCLUSÃO

Ao concluir este estudo, fica esclarecido o processo que envolveu o desenvolvimento do conceito de expiação na história da IASD. Entender o conceito primariamente estabelecido pelos pioneiros adventistas do sétimo dia é fundamental, pois está diretamente relacionado com o desenvolvimento teológico e doutrinário da IASD e sua validação no mundo cristão, além de mostrar o lugar central da Bíblia dentro da fundamentação doutrinária da igreja.

Desse modo, na história do adventismo, nota-se que a Bíblia sempre foi a base para solucionar os principais conflitos teológicos da igreja. E na definição do conceito adventista da expiação não foi diferente. Quando os adventistas se viram diante de um conflito envolvendo sua compreensão do tema da expiação, logo recorreram a um cuidadoso estudo das Sagradas Escrituras, que por fim trouxe luz à questão. Então, no transcurso das décadas, o adventismo passou por um processo de ampliação e desenvolvimento deste conceito. Hoje, como resultado dos esforços de tantos homens dedicados no decorrer de sua história, os adventistas do sétimo dia possuem um conceito mais amplo sobre a expiação.

Para os Adventistas do Sétimo Dia, portanto, a Expição ocorreu tanto na cruz com o Supremo e perfeito sacrifício de Cristo em favor da humanidade, quanto no ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial, e culminará com a erradicação final do pecado e seu originador (Satanás). Eles creem que Cristo está agora aplicando os benefícios de sua expiação ao crente anelante, que O, aceita como seu Salvador pessoal.

REFERÊNCIAS

ALVES, João Antônio Rodrigues. **O Juízo Investigativo Pré-advento: uma avaliação de seu desenvolvimento histórico nos escritos de Uriah Smith, Edward Heppenstall e William H. Shea.** Cachoeira, BA: CePLiB, 2008.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

RODÍGUEZ, Ángel Manuel. Santuário, in **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia.** Editado por Raoul Dederen. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 421-466.

FEYERABEND, Henry. **Daniel, Verso por Verso: revelações de Deus para os nossos dias.** 3. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

HOLBROOK, Frank B (Ed.). **À Luz de Hebreus: intercessão, expiação e juízo no santuário celestial.** 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.

_____. **Doctrine of the Sanctuary: A Historical Survey (1845-1863).** Silver Spring,

MD: Biblical Research Institute, 1989.

_____. **O Sacerdócio Expiatório de Jesus Cristo.** Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

KNIGHT, George R. **A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo:** estamos apagando nossa relevância?. Tradução de Davidson Deana e Karina Carnassale Deana. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

_____. **Em Busca de Identidade:** o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **Questões Sobre Doutrina:** o clássico mais polêmico da história do adventismo. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo.** Tradução de Azenilto G. Brito. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

NISTO Cremos: As 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

OLIVEIRA, Enoch de. **A Mão de Deus ao Leme.** 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

RODRÍGUEZ, Ángel Manuel. A Natureza de Deus: base da expiação. **Lição da Escola Sabatina Adultos:** professor*, Tatuí, SP, v. 2008, n. 4, p.3-15, out/dez. 2008.

SCHWARZ, Richard W; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de Luz:** história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tradução de Francisco Alves de Pontes. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.

SHEA, William H. **Estudos Selecionados em Interpretação Profética.** 2. ed. Tradução de Francisco Alves de Pontes. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2012. v. 1.

STOTT, John R. W. **A Cruz de Cristo.** Tradução de João Batista. São Paulo: Vida, 2010.

TIMM, Alberto R. **“Desenvolvimento da Doutrina do Santuário no Contexto do Conflito Cósmico”.** Material preparado para o Programa de Doutorado em Teologia. Libertador San Martín, ER, Argentina: Universidad Adventista del Plata, 1997.

_____. **O Santuário e as Três Mensagens Angélicas:** Fatores Integrativos no Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1999.

TIMM, Alberto R; RODOR, Amin A; DORNELES, Vanderlei. **O Futuro:** a visão adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2004.

MAXWELL, C. Mervyn, Sanctuary and atonement in SDA theology: an historical survey, in **The Sanctuary and Atonement: Biblical, Historical, and Theological Studies**, edited by WALLENKAMPF, Arnold V.; LESHER, W. Richard. Washington, D.C.: Review and Herald, 1981, p. 516-544.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. 10. ed. Tradução de Carlos Alberto Trezza. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Evangelismo**. 2. ed. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1978.

_____. **O Desejado de Todas as Nações**. 22. ed. Tradução de Isolina A Waldvogel. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

_____. **O Grande Conflito**. 42. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. **Patriarcas e Profetas: o conflito entre o bem e o mal, ilustrado na vida de homens santos da antiguidade**. 16. ed. Tradução de Flavio L Monteiro. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. **Primeiros Escritos**. 10. ed. Tradução de Carlos Alberto Trezza. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

